

BIBLIOGRAFIA

JEAN ROSTAND: *L'hérédité humaine*. 128 págs. Presses Universitaires de France. Paris, 1952.

Das numerosas obras destinadas à divulgação de rudimentos de genética, poucas são as que em clareza e concisão didática podem competir com este livrinho do conhecido cientista francês. Sem exigir do leitor quaisquer noções prévias, Rostand lhe vai ministrando, passo a passo, os elementos essenciais para a compreensão dos complicados fenômenos da hereditariedade humana, com a preocupação fundamental de lhe proporcionar uma base sólida e sem sobrecarregar o texto com dados que, por interessantes que possam ser, prejudicariam a finalidade a que se destina a admirável coleção "Que sais-je?" e, dentro dela, o presente volume. Para estudantes universitários e outras pessoas que, não tendo conhecimentos de biologia, queiram tomar contacto com a antropogenética, o trabalho de Rostand é de incontestável utilidade.

Egon Schaden

HERMANN TRIMBORN: *Das Menschliche ist gleich im Urgrund aller Kulturen*. 38 págs. Verlag Albert Limbach. Braunschweig, 1948.

Este fascículo, que visa a pôr o professorado alemão ao par de uma das questões fundamentais da Etnologia, é merecedor de toda a atenção. Pondo-se a serviço da cultura geral, o pesquisador deixa de ser pesquisador, para dirigir a palavra aos professores de seu país. O alcance educativo da emprêsa é evidente, pois que se trata de munir a geração adolescente de idéias que tendo passado pelo crivo da crítica científica, se afiguram adequadas à realidade. Previne-se assim o domínio do dilettantismo sobre um campo propício à formação de centros de energia de conteúdo meramente intencional, bem como a ameaça de ativação demagógica em diferentes setores do espírito objetivo. Os perigos inerentes a um a-priori que a ciência deixe "livre" revela-os de maneira insofismável a história dos últimos tempos.

Trimborn resolve magistralmente o problema que se propõe. Arrola os argumentos em favor da tese da igualdade fundamental do gênero humano: a identidade das necessidades básicas de todos os homens, a repetição de estereótipos comuns em todas as culturas, a possibilidade de cruzamento biológico entre os ramos da espécie. Argumentos conhecidos e mesmo tradicionais, o autor sabe contudo colocá-los, de modo interessante, como base para a discussão da pluralidade real das culturas. A capacidade de adaptação a condições ambientais diferentes, a influência de disposições hereditárias grupais, a ação estabilizadora da tradição cultural, a capacidade criadora que leva a invenções e inovações, a sujeição a vicissitudes históricas, as possibilidades de mudança pela ação de forças culturais internas — são fatores onipresentes na humanidade, e o seu poder de produzirem variações de povo em povo testemunha precisamente o equipamento fundamental uniforme do gênero humano. Pois se

a pressão de fatôres idênticos faz surgir, de modo constante, coisas diferentes em constelações diversas, tal não pode senão refletir a unidade básica na diversidade.

E' pensamento que realmente ajuda a compreender muita coisa. Não se trata, é evidente, de nenhuma "verdade" que possa cristalizar-se numa espécie de dogma, mas é simples "princípio explicativo", de cunho científico, fato que o autor talvez pudesse ter acentuado melhor. O argumento principal a favor da tese é que as concepções contrárias são bem mais ousadas e frágeis. E aos educadores caberá compreender o valor de hipóteses bem fundadas, uma vez que o objeto não permite doutrina inabalável, preferíveis em qualquer caso a um a-priori deixado a descoberto pelo criticismo científico e sujeito, por isso, a produzir valorações etnocêntricas.

E. A. von Buggenhagen

MANUEL DIÉGUES JÚNIOR: *Etnias e culturas do Brasil.* 79 págs. Serviço de Documentação. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1952.

Em dez pequenos capítulos, bem coordenados, o autor traça o quadro geral da formação étnica do Brasil, desde os primeiros contactos entre os descobridores e o gentio da costa até a situação complexa de hoje. Baseado nas principais pesquisas antropológicas e sociológicas realizadas entre nós, focaliza de preferência as relações entre cruzamento biológico e fenômenos aculturativos. A serenidade com que aborda aspectos fundamentais da diversidade e dos conflitos de cultura não sómente lhe caracteriza o espírito científico, aliás sobejamente demonstrado em trabalhos anteriores, como é de alto valor educativo num meio em que ainda é vêzo confundir juízos de valor com juízos de realidade. — Graças à clareza da exposição e à ausência de terminologia difícil, o texto é acessível a todo leitor.

Egon Schaden

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON: *Índios do Brasil. Volume II: Cabeceiras do Xingu, Rio Araguaia e Oiapoque.* 363 págs. e fotografias. Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Publicação n.º 98. Rio de Janeiro, 1953.

Desde 1890, Rondon realizou sucessivas expedições ao interior do Brasil, tôdas ou quase tôdas ligadas de alguma forma a problemas indigenistas. Numerosas expedições foram feitas também por seus colaboradores do Serviço de Proteção aos Índios e do Conselho Nacional de Proteção aos Índios. No decorrer do tempo, resultou daí riquíssima fototeca, da qual o Conselho resolveu publicar uma parte em forma de três albuns. O primeiro, lançado em 1946, era dedicado aos índios do centro, noroeste e sul de Mato Grosso. O segundo, de 1953, encerra principalmente material relativo às tribos das nascentes do Xingu, às do Araguaia-Tocantins e às do Oiapoque. O terceiro deverá conter documentário de umas quinze ou mais tribos do norte do País.

Algumas centenas de fotografias, contidas no segundo volume, ora publicado, mostram tipos antropológicos, aspectos da vida tribal, cenas das expedições de Rondon e, finalmente, particularidades da aculturação dos grupos em aprêço. As ilustrações vêm acompanhadas de textos explicativos com interessantes informes etnográficos, da autoria de Amílcar A. Botelho de Magalhães, Boaventura Ribeiro da Cunha e J. Malcher.

Egon Schaden